

## “FALTA-LHE CABELO NA CABEÇA”: UM ESTUDO GEOLINGUÍSTICO DAS DENOMINAÇÕES PARA 'CALVO' NA BAHIA E EM SERGIPE\*

“THERE’S SOME HAIR MISSING IN THE HEAD”: A GEOLINGUISTIC STUDY OF THE NAMES FOR 'BALD' IN BAHIA AND SERGIPE

Cezar Alexandre Neri Santos<sup>1</sup>

Orientadora: Profa. Dra. Suzana Alice Marcelino Cardoso

**RESUMO:** Neste artigo, pretende-se examinar as variantes registradas para ‘calvo’ no *Atlas Lingüístico de Sergipe*, doravante ALS (FERREIRA *et al.*, 1987) em paralelo às denominações registradas no *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, doravante APFB (ROSSI, 1963), os dois primeiros atlas linguísticos produzidos no Brasil, nos idos da década de 1960, ainda que o segundo deles tenha sido publicado em 1987. No ALS, a carta nº 80 apresenta os resultados dos inquéritos para a pergunta 'Como se chama aquele que não tem cabelo na cabeça?' tanto em Sergipe quanto na Bahia. A análise aborda três vieses: i) *semântico*, dispõe as raízes motivadoras para a formação do nome no plano paradigmático da língua, entendendo a seleção linguística como um ato político-cultural; ii) *lexicográfico*, verifica a dicionarização, ou não, das formas inscritas na carta, por meio de dicionários históricos, etimológicos e de língua latina, bem como se tais marcações lexicográficas apresentam significados referentes à calvície; iii) *fonético-fonológico*, analisa as variantes registradas à luz da Fonologia do Português Brasileiro. Espera-se, com este trabalho, fornecer um retrato das denominações para *calvo* no subfalar baiano.

**Palavras-chave:** *Calvo*. Dialetoлогия. Sergipe. Bahia. Atlas linguístico.

**ABSTRACT:** In this paper, we intend to examine the linguistic registers for 'bald' present both in the *Atlas Lingüístico de Sergipe* - ALS (1987) and in the *Atlas Prévio dos Falares Baianos* - APFB (1963), the two first linguistic atlas produced in Brazil, in the 1960s, even though the latter has been published only in 1987. In ALS, the eightieth lexical letter presents the designations given, both in Sergipe and in Bahia, to the question 'what do you call one who has no hair on his head?'. This analysis emphasizes the semantic and lexical levels, treating these data through three ways: i) *semantic*, showing the motivating causes to the formation of the name in the paradigmatic plane of language, understanding the language selection as a political-cultural act; ii) *lexicographical*, checking whether these names are and how they are on historical and etymological, Portuguese and Latin language dictionaries or not; iii) *phonetic-phonological*, analyzing the variants found in the light of Brazilian Portuguese Phonology. So, we hope to make a linguistic portrait for ‘bald’ in the *baiano* dialect.

**Keywords:** Bald. Dialectology. Sergipe. Bahia. Linguistic atlas.

---

\* Este artigo configura o trabalho final da disciplina LET 667-Variação Espacial do Português do Brasil, cursada em 2014/2. Agradecemos a leitura prévia deste artigo às professoras Dra. Marcela Moura Torres Paim e Dra. Suzana Alice Marcelino Cardoso.

<sup>1</sup>Professor Assistente da Universidade Federal de Alagoas-Campus do Sertão e Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (UFBA). E-mail: [cezarneri@hotmail.com](mailto:cezarneri@hotmail.com).

## 1 INTRODUÇÃO

Comparar é um ato humano universal e o léxico de uma língua é, dentre todos os níveis linguísticos, o que, de maneira mais concreta, permite representar, mi(s)tificar, identificar valores assumidos por um povo por meio da seleção de seus usos linguísticos. Neste artigo, por meio do cotejo do *corpus* constituído a partir dos dados da carta 80 do ALS, que trata das acepções para ‘calvo’, espera-se demonstrar como esses traços, historicamente construídos, admitem a percepção de uma interdependência entre léxico e cultura, uma vez que o ato de nomeação ocorre em comunidades linguísticas ativas, entrecortadas por elementos extralinguísticos.

Borba (1975, p. 134-5), ao explanar acerca do processo de nominação, apresenta a dupla função da linguagem – comunicação e expressividade – como um fenômeno genuinamente cultural. Para este autor, a nominação se divide em intelectual e expressiva. Na primeira,

o objeto recebe um nome, seja porque não o tem ainda, seja porque o que tem não lhe assegura suficientemente a função. Ela descreve a coisa atentando para seus caracteres objetivos (forma, função, relações). (...) Esta associação pode ser de dois tipos: por semelhança (metáfora) e por contiguidade (metonímia e sinédoque). (...) [Já a expressiva] nomeia a coisa com relação ao falante e exprime o valor afetivo, desiderativo, estético, moral que este lhe atribui (BORBA, 1975, p. 134-5).

Assim, por meio da exegese das designações registradas para ‘calvo’, comprova-se de que modo análises geolinguísticas permitem a definição de zonas dialetais e a marcação de fenômenos linguísticos variáveis, muitas vezes não dicionarizados. Em suma, muitas ocorrências, nem sempre termos populares ou de amplitude geográfica – produto do cotidiano e da cosmovisão locais – são resgatadas por inquéritos dialetológicos. No caso específico de conceitos para ‘calvo’, são notórias a multiplicidade de vocábulos e fraseologias, bem como das causas e efeitos socialmente construídos quanto aos “que não possuem na cabeça”.

## 2 OS EFEITOS DE SENTIDOS SOBRE SER/ESTAR CALVO

Ser ou estar careca sempre produziu significados sociais, com efeitos de sentido e *ethois* positivos ou negativos. Seja por genética, por questões de saúde ou por deliberada vontade dos indivíduos ou estética social, ser/estar calvo produz as mais variadas atitudes e

sensações, que vão da vergonha juvenil à autoafirmação midiática atual, quase totalmente referente ao sexo masculino. A ausência de cabelo na mulher tende a ser vista de modo impactante, principalmente relacionada ao tratamento de um câncer. Historicamente, a calvície costumava remeter a pessoas velhas, fracas, doentes ou mesmo impotentes.

A revista *Social Psychological and Personality Science* fez um levantamento de estudos que mostram a relação entre (a falta de) cabelos e a personalidade masculina. Nele, três análises sugeriam que a opção de um homem em raspar a cabeça influencia a percepção deles pelas outras pessoas.

O primeiro diz que os carecas são classificados como mais dominantes que os cabeludos. A segunda pesquisa retirou digitalmente os cabelos dos participantes e os que ficaram carecas foram classificados como mais dominantes, altos e fortes do que realmente eram. Por fim, o último estudo diz que os homens que estão perdendo cabelo naturalmente melhoram sua relação com outras pessoas quando optam por raspar o cabelo completo.<sup>2</sup>

Enfim, os quadros sociais que destacam figuras com calvos demonstram as variadas imagens sociais nelas presentes, principalmente na sociedade ocidental contemporânea, onde ser calvo vem ganhando *status* de *sexy*, inclusive com símbolos sexuais carecas, algo impensável há décadas.

Quadro 1: Imagens de pessoas calvas e suas possíveis imagens sociais<sup>3</sup>



Fonte: Vide nota de rodapé 3.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://blogs.discovermagazine.com/discoblog/2012/08/13/ncbi-rofl-why-being-bald-has-big-beno-efits/#.VKtL7SvF-So>> Acessado em: 03 jan. 2015.

<sup>3</sup> Todas as imagens do Quadro 1 estão disponíveis no buscador *Google*, por meio do título de pesquisa ‘careca’. Disponível em:

<[https://www.google.com.br/search?q=%2Bcareca&espv=2&biw=1777&bih=878&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=uSpEVfT0L8q1sQTqv4CgDw&ved=0CAYQ\\_AUoAQ&dpr=0.9#tbm=isch&q=carecas](https://www.google.com.br/search?q=%2Bcareca&espv=2&biw=1777&bih=878&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=uSpEVfT0L8q1sQTqv4CgDw&ved=0CAYQ_AUoAQ&dpr=0.9#tbm=isch&q=carecas)> Acessado em: 18 dez. 2014.

### 3 UM PEQUENO HISTÓRICO DO CENÁRIO DIALETOLÓGICO BRASILEIRO

Mesmo que, na esfera das línguas humanas, a diversidade linguística seja facilmente observada, tal qual a ausência de cabelo numa pessoa, estudos de cunho científico-disciplinar sobre a variedade linguística geográfica datam da França e da Alemanha da segunda metade do século XIX. No Brasil, a década de 1920 foi profícua quanto à expedição de estudos monográficos de cunho dialetal “voltados para a observação de uma área determinada, buscando descrever os fenômenos que a caracterizam não só do ponto de vista semântico-lexical, mas também fonético-fonológico e morfossintático” (CARDOSO, 1999, p. 235).

Estão neste bojo o estudo do linguajar caipira paulista (AMARAL, 1920), do linguajar carioca (NASCENTES, 1953) e da fala do matuto nordestino (MARROQUIM, 2008) como subfalares brasileiros específicos, por meio da descrição de suas especificidades fonético-fonológicas, morfossintáticas e semântico-lexicais. No entanto, mesmo com um retrato mais concreto e pormenorizado de alguns subfalares, Marroquim, na década de 1920, já enfatizava a histórica e errônea visão monodialetal do mundo lusófono, ainda motivadas pela falsa ideia de que o Português é(era) um só. Assim, qualquer fenômeno linguístico próprio do Brasil tendia à ineficaz classificação de “simples brasileirismos” (MARROQUIM, 2008[1923], p. 18).

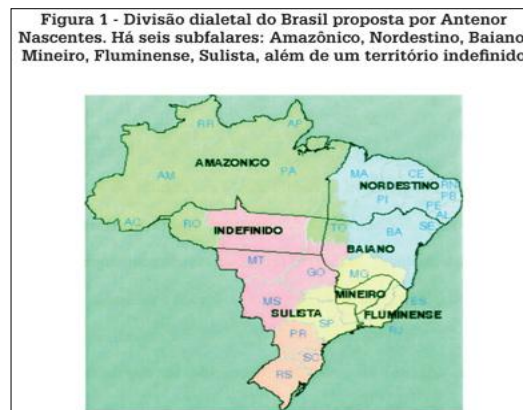
Mesmo quase uma centúria após a exposição deste argumento, pode-se dizer que ainda há lacunas a serem preenchidas quanto ao zoneamento da multidialetação do Português Brasileiro. Tais lacunas têm sido preenchidas, dentre outras formas, com a publicação de diversos atlas linguísticos regionais e estudos sociovariacionistas, objetivando descrever a variedade lusófona no território nacional.

Destes atlas brasileiros, são pioneiros os da Bahia, o APFB, de 1963, e o de Sergipe, o ALS, cuja coleta de dados remete aos anos de 1965 a 1967, mas publicado apenas em 1987 por dificuldade de financiamento. No atlas sergipano, que se pretendia como uma continuação do APFB, podem ser encontradas algumas cartas linguísticas conjuntas, trazendo lado a lado as realizações resgatadas em ambos os atlas, como é o caso da carta nº 80, cotejada neste artigo (*vide* anexo). Este fator positivo, uma vez que permite análises paralelas destes estados fronteiriços, auxilia na marcação de isoglossas, ou seja, fronteiras linguísticas que transcendem as divisões político-administrativas das unidades federativas.

Esse zoneamento linguístico não é inédito: a proposta inicial data da década de 1920, com o dialetólogo Antenor Nascentes, que percorreu o território brasileiro em busca de uma

real fotografia do português falado no país. Desta marcação, pode-se verificar que os estados de Bahia e de Sergipe, em conjunto com parte dos estados de Minas Gerais e Goiás, são partícipes de uma mesma área: o subfalar baiano. A proposta dialetal de Nascentes (1953) exposta na figura n. 1 ainda é a mais aceita e utilizada atualmente.

**Figura 1:** Proposta de Nascentes para as zonas dialetais brasileiras



Como pode ser observado no mapa que consta da figura n. 1, Nascentes divide o panorama linguístico nacional em amazônico, nordestino, baiano, mineiro, fluminense e sulista, bem como nota-se uma zona com características indefinidas, nomeado de território incaracterístico. O cotejamento de ocorrências de um mesmo fenômeno linguístico pode corroborar para a afirmação de que não raras vezes as fronteiras político-administrativas divergem das zonas linguísticas. Por exemplo, segundo a proposta de Nascentes (1953), como já explicitado, Bahia e Sergipe pertencem a uma mesma zona linguística.

#### 4 A CARTA LINGUÍSTICA 80 DO ALS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste artigo, propõe-se a interpretação da carta linguística n. 80 do ALS, que traz os registros das variantes anotadas para o conceito ‘calvo’<sup>4</sup>. Tais respostas foram motivadas pela seguinte pergunta: *Como se chama o homem que não tem cabelo na cabeça?* As cartas conjuntas Bahia/Sergipe reúnem, numa mesma folha, o cartograma da Bahia, à esquerda, e de Sergipe, à direita, e contempla as respostas documentadas na pesquisa de campo nestas duas

<sup>4</sup> Esta carta não existe no APFB, mas apenas no ALS. Faz parte de um conjunto de cartas BA-SE (Cartas Bahia-Sergipe) que contemplam os dados da Bahia que não geraram cartas no APFB.

áreas, como pode ser visto no Anexo 1.

A disposição espacial dos dados registrados, aqui feita por meio do Quadro n. 2, destaca as denominações em Sergipe num paralelo com as ocorrências baianas. Sua verificação cartográfica pode ser mais bem observada na própria carta, registrada no Anexo 1.

**Quadro 2:** Ocorrências lexicais no ALS e no APFB

ALS		APFB	
Lexia por ordem de ocorrência	Ponto(s) de inquérito	Lexia por ordem de ocorrência	Ponto(s) de Inquérito
1. Careca	51-62, 64-65	1. Careca	(3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50)
2. Calvo	(51,53, 55, 56, 57, 61, 62, 64)	2. Calvo	2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 11, 15, 16, 19, 20, 22, 23, 26, 27, 30, 31, 32,33, 34, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 50
3. Pelado	(52, 61)	3. Pelado	(7, 9, 10, 11, 12, 13, 34, 37, 42)
4. Coroado	(61)	4. Coroado	(31, 50)
-	-	5. Cravista	(20, 30)

**Fonte:** Elaboração própria

Como pode ser visto no Quadro 2, ocorrem quatro variantes em Sergipe e cinco na Bahia para o conceito de ‘calvo’. As quatro ocorrências sergipanas coincidem com as inscritas no território baiano, sendo exclusiva a lexia 'cravista' no território baiano. Chama a atenção também a frequência de ocorrência de cada um desses vocábulos nos inquéritos, uma vez que 'careca' se configurou como o mais frequente em ambos os estados, *calvo* e 'pelado' como o segundo e o terceiro mais produtivos, respectivamente. A lexia 'coroado' aparece em um único ponto sergipano (61) e em duas localidades baianas territorialmente distantes entre si (31 – entre a Mesorregião centro-norte e a do Vale do São Francisco; 50 – extremo sul). O termo encontrado exclusivamente na Bahia, 'cravista', acha-se nos pontos 20 e 30 (Mesorregião do centro-norte baiano), pontos relativamente distantes territorialmente dos limites geográficos com o estado de Sergipe.



## 5 ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS LEXICAIS

A importância da Dialetoлогия para o conhecimento da Língua Portuguesa se dá não só pela identificação de fenômenos variáveis, mas também pelo confronto presença/ausência destes fenômenos em diferentes áreas por meio de pesquisas de campo.

A presença da carta ‘calvo’ no ALS demonstra a variação lexical presente nestes dois estados para o conceito ‘aquele sem cabelo na cabeça’. Partindo das ocorrências inscritas na referida carta, analisaram-se as motivações para a denominação destes vocábulos em Língua Portuguesa, considerando sua etimologia. No Quadro 3, expõem-se o que Busarello (2003) apresenta em seu dicionário, disposto nas colunas *Origem do radical* e *Significado*. No campo *Motivação*, o autor deste artigo demonstra sua(s) hipótese(s) para a motivação referente a cada lexia quanto à ausência de cabelo na cabeça.

**Quadro 3:** Variantes de ‘calvo’: etimologia

Lexia	Origem do radical	Significado	Possível Motivação
1) Calvo	Latim <i>Calvus, a, um</i>	Calvo, liso, desprovido	Característica não rugosa da superfície (ou) ausência de
2) Careca	Latim v. <i>careo, es, ere, ui</i> (2)	Ter falta de alguma coisa, abster-se	Ausência de, carência de
3) Cravista	Latim m. <i>clavus, i</i>	Prego, cravo, franja de púrpura	Remissão ao formato da flor ‘Cravo’ na sua extremidade (ou) Motivação fonética: calvo ~ carvo ~ carvista ~ cravista
4) Coroado	Latim Part. pass. do verbo <i>Coronare</i>	Coroa(r), cingir	Aparência de coroa na cabeça, o que pode remeter à imagem de uma pessoa calva.
5) Pelado	Latim <i>Pellatus</i> part. pass. do verbo <i>pellare</i>	Ato de pelar, de retirar os cabelos ou a barba	Sem cabelo na cabeça (sincronia: sem roupa / partes do corpo sem cabelo)

**Fonte:** Elaboração própria

Os quadros n. 4 e 5 tratam de aspectos lexicográficos das lexias apresentadas na carta, destacando acepções e a presença/ausência destes nos dicionários de língua portuguesa, em busca, dentre outros, dos aspectos morfossemânticos de cada termo. Para tal, considerou-se importante a investigação destes no dicionário histórico de Bluteau (1728) e em Moraes Silva

(1789), por demarcarem um estado pretérito para estas lexias – até o século XVIII. Além destes, considerou-se igualmente prudente verificar a presença destes vocábulos no Português Brasileiro contemporâneo, o que foi feito por meio do *Dicionário Houaiss*, em sua versão digital. Tal versão foi preferida uma vez que tendo atualizações mais constantes, poderia apresentar conteúdo mais aprofundado. Também outros dicionários *online* da língua portuguesa foram investigados quando necessário, como foi o caso da lexia 'cravista', que não se encontra nas obras setecentistas e se apresenta com um significado diverso no dicionário contemporâneo cotejado.

**Quadro 4:** Variantes para 'calvo': dicionarização

Lexia / Dicionário	Bluteau (1728)	Morais Silva (1789)	Houaiss online (s/d)	Outros
<b>Calvo</b>	Aquelle, que tem a cabeça, ou parte dela sem cabellos (p. 65)	CALVA, s.f. falta de cabellos cahidos (p. 219)	adj. e s.m. Diz-se daquele cuja cabeça é completa ou quase completamente desprovida de cabelos; careca. Que não tem qualquer vegetação, descalvado: monte calvo.	-
<b>Careca</b>	CARECER: ter falta (p. 147)	CARECER v. haver mister, ter necessidade de alguma pessoa, ou coisa, § Não ter v.g. carece de vicio (p. 234)	adj. s. m. e f. Que ou o/a que não tem cabelos. Calva, calvície; alopecia, falacrose.	-
<b>Cravista</b>	X	x	m. e f. Pessoa que toca cravo.	<i>Mús.</i> Pessoa que toca cravo <sup>2</sup> ou compõe para esse instrumento <sup>5</sup>
<b>Coroadado</b>	COROA, o alto da Cabeça: “dava a agua a huns pelas barbas, a Outros pelas coroas” Náutico. (p. 331) COROAR n. Começar a apparecer no nacedouro a	Que tem coroa (p. 473)	adj. Que tem coroa. Que tem dignidade soberana: testa coroadada. Fig. Premiada: obra coroadada pela Academia.	-

5 Disponível em: <<http://dicionariocriativo.com.br/significado/cravista>>. Acesso em: 05 dez. 2014.



	cabeça da criança. (p. 332)			
<b>Pelado</b>	PELLADO, part. pass. de pellar. §Terra- —, calva, sem árvores, nem plantas.	Pellado. Terra pelada; calva, sem árvores, nem plantas. (p. 423)	adj. Sem pêlos, ou penas. Glabro; calvo. A que tiraram a pele. Fig. Nu, despido. Fig. Pobre, sem dinheiro.	-

**Fonte:** Elaboração própria

Deste quadro, conclui-se que nem sempre a lexia registrada nos atlas apresenta um significado referente a calvo. Foi o caso de 'careca' e de 'pelado' em Bluteau (1729) e Moraes Silva (1789), o que demonstra um processo de ressemantização, e de 'cravista' nos dicionários contemporâneos, que remete exclusivamente ao tocador do instrumento musical Cravo. *Calvo* demonstra uma pluralidade semântica, uma vez que também remete à ausência de vegetação.

A seguir, a partir do quadro n. 4, produziu-se uma síntese com referência à ausência de cabelo, legendada acerca da presença e semantização do *corpus* da carta 80 do ALS.

**Quadro 5:** Variantes para 'calvo': presença/ausência nos dicionários

Lexia / Dicionário	Bluteau (1728)	Moraes Silva (1789)	Houaiss online (s/d)	Outros
<b>Calvo</b>	D	D	D	D
<b>Careca</b>	DOS	DOS	D	D
<b>Cravista</b>	ND	ND	DOS	DOS
<b>Coroadado</b>	DOS	DOS	DOS	DOS
<b>Pelado</b>	DOS	DOS	D	DOS

**Fonte:** Elaboração própria

**Legenda:** D – Dicionarizado; ND- Não dicionarizado; DOS – Dicionarizado com outro significado.

## 6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS VARIAÇÕES FONÉTICO-FONOLÓGICAS

Atenta-se também para a diversidade de realizações fonéticas para quase todos os termos apresentados. Assim, um estudo das variantes fonéticas destas lexias também se

configura como um estudo profícuo acerca da descrição do Português Brasileiro na sua forma de subfalar baiano. Vogais pré e pós-tônicas, alteamentos e metafônias, quanto às vogais, bem como consonantizações, síncopes e metáteses, quanto às consoantes, são alguns dos metaplasmos existentes numa análise fonética preliminar desta carta.

Neste item, as variantes fonéticas inscritas na carta linguística são dispostas e analisadas à luz das teorias da Fonética e da Fonologia do Português Brasileiro.

### 6.1 CARECA

Tanto no ALS quanto no APFB, a maior ocorrência foi de [ka'réka]. No entanto, das três vogais presentes nesta lexia, duas sofreram variações, não se observando variação nas consoantes existentes.

**Quadro 6:** Variantes fonéticas para 'careca'

CARECA	
ALS	APFB
[ka'réka] ~ [ka'rékɔ] ~ [ka'réku]	[ka'réka] ~ [ka'réku] ~ [ké'réku] ~ [ke'réku] ~ [ké'réka] ~ [kɔ'réka] ~ ['kréku]

**Fonte:** Elaboração própria

Na sílaba pretônica, o [a] não sofreu mutações em Sergipe, mas apresenta variadas formas em território baiano. Por exemplo, passa a [é] e a [e], no qual o arquifonema [E] apresentou ambos os timbres, aberto e fechado. Também o fonema [O], com timbre aberto, foi encontrado no ponto 35 do APFB. O mesmo caso pode ser verificado na variante *catálogo* ~ *catálogo*, assinalando que os fenômenos demarcados pelos entrevistados no APFB realizam variações comuns à Fonologia lusófona. Também pode ser verificada a síncope ocorrida no ponto 43 do APFB, fenômeno também genérico, principalmente na prosódia europeia da Língua Portuguesa.

Na segunda sílaba, tônica, não houve mudança de timbre tampouco mudança vocálica do fonema aberto [é], o que está totalmente de acordo com as leis fonéticas de que a sílaba tônica tende a permanecer, tanto num processo de mudança quanto de variação linguística (COUTINHO, 2011). No caso da última sílaba, atenta-se ao fechamento do fonema [a] na vogal posterior [u], bem como um alçamento vocálico do som vocálico [a], como no ALS.

## 6.2 CALVO

A lexia *calvo* aparece em menor quantidade que *careca* em ambos os atlas linguísticos. No entanto, em termos de variantes fonológicas, sua produção é ainda mais profícua que naquele vocábulo.

**Quadro 7:** Variantes fonéticas para ‘calvo’

CALVO	
ALS	APFB
['kauv̥] ~ ['karvw] ~ ['kaɾvu] ~ ['kaRvu] ~ ['kravu]	['kauv̥] ~ ['karvw] ~ ['kaɾvu] ~ ['kapvu] ~ ['kravu] ~ ['kalvu]

**Fonte:** Elaboração própria

Não havendo variação quanto à consoante inicial, notam-se dois fenômenos na sílaba inicial de *calvo*. Uma delas refere-se ao /l/ em coda silábica, cuja variação fonética nesse território apresenta ainda os seguintes resultados: (a) como fonema vocálico [w]; (b) como rótico [ʎ]. No que se refere a sua realização como rótico, observa-se, por metátese, a presença do encontro consonantal [kr]. No caso da vogal final, foi sempre realizada [u] para o grafema ‘o’ como sucede em quase todo o território nacional, o que pode ser visto não apenas em *calvo*, mas também em *pelado* e *coroadado*.

## 6.3 PELADO

Para a lexia *pelado*, no atlas sergipano, ambos os inquiridos pronunciaram a vogal aberta, como é(era) de se esperar nas zonas norte e nordeste do país. Já no APFB, houve apenas uma variação entre as nove ocorrências demarcadas. Esta única variação – a mudança de timbre da vogal pretônica – é a maior característica fonética para a divisão dialetal bipartite brasileira, segundo a proposta de Antenor Nascentes (1953). Assim, a sílaba ‘pe’ também foi pronunciada com timbre vocálico fechado.

**Quadro 8:** Variantes fonéticas para ‘pelado’

PELADO	
ALS	APFB
[pé:'ladu]	[pé:'ladu] ~ [pe'ladu]

Fonte: Elaboração própria

#### 6.4 COROADO

A lexia *coroado*, por sua ocorrência única em Sergipe, apresentou uma única realização: [krO'adu], demarcando a abertura da vogal pretônica mais uma vez. No entanto, no atlas baiano, com duas ocorrências, atenta-se igualmente à síncope pretônica [koro ~krO], transformando este polissílabo num trissílabo, e, quiçá por coincidência, a antepenúltima sílaba apresentando a vogal com timbre aberto justamente com a vogal 'o' sincopada.

**Quadro 9:** Variantes fonéticas para 'coroado'

COROADO	
ALS	APFB
[krɔ'adu]	[krɔ'adu] ~ [koro'adu]

Fonte: Elaboração própria

#### 6.5 CRAVISTA

As duas ocorrências, ambas em território baiano (pontos 20 e 30), não apresentaram variação fonético-fonológica. A sibilante 's' na sílaba tônica apresenta-se palatalizada em coda silábica.

**Quadro 10:** Variantes fonéticas para 'cravista'

CRAVISTA	
ALS	APFB
-	[kra'viʃta]

Fonte: Elaboração própria

## 7 CONCLUSÕES

Numa análise genérica da carta linguística em tela, nota-se uma alta produtividade de dois vocábulos em língua portuguesa para designar a pessoa sem cabelo na cabeça: *careca* e *calvo*, no subfalar baiano. Pela sua frequência, infere-se que estas lexias são de uso geral nesta área do “falar baiano”. *Careca*, por exemplo, aparece em todos os pontos do ALS e em 42 dos 50 pontos do APFB.

Já não se pode inferir uma generalidade para o resto do Brasil aos demais vocábulos, como *cravista*. Sua baixa frequência nos mapas assinalados, interpretada como uma lexia específica de uma mesorregião do território baiano, bem como os termos *pelado* e *coroadado*, que, mesmo com presença confirmada em Sergipe e na Bahia, têm frequência ínfima, restrita a algumas regiões e, possivelmente, a uma faixa etária mais idosa.

Dos pontos investigados, acentua-se o ponto 61 do ALS, que apresentou as quatro ocorrências registradas no estado. Também as variantes fonético-fonológicas se mostraram muito produtivas e dignas de observações. Quanto às lexias ‘calvo’ e ‘careca’, os informantes 5, 11A, 33A, 42B demarcaram uma gradação entre os termos, no qual *careca* seria o calvo completo e *calvo* o que estava no início da calvície, por sinonímia ou gradação.

Assim, após analisar a carta linguística com as denominações para *calvo* presentes no *Atlas Lingüístico de Sergipe*, pode-se concluir que a Dialectologia propicia um retrato linguístico de um determinado espaço físico e social. Assim, uma análise dialetológica permite, dentre outras ações: i. Inventário das realizações linguísticas ativas e em mudança; ii. Perpetuação de um tesouro vocabular pelo registro de formas não-dicionarizadas, documentando uma história linguística do Português Brasileiro; iii. Melhor caracterização da dialetização nacional, aqui explicitado pelo cotejamento de ocorrências linguísticas nos estados de Bahia e Sergipe (falar baiano), principalmente de caráter eminentemente oral; iv. Por fim, mas não por último, uma ação de política linguística e escolar que forneça a leigos, estudiosos e educadores orientações acerca da Língua Portuguesa em diversos níveis linguísticos.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**: gramática, vocabulário. 4. ed., São Paulo: Hucitec/Brasília: INL, 1982.

BLUTEAU, Rafael. **Vocabulário Português e Latino**, vol. 1-4, Coimbra, Colégio das Artes, 1712-1713; vol. 5-8, Lisboa, Pascoal da Sylva, 1716-1721, Suplemento ao Vocabulário Português e Latino, 2 vol., Lisboa, Joseph Antonio da Sylva, 1727, Patriarcal Officina da Musica, 1728.

BORBA, F. da S. **Introdução aos estudos linguísticos**. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1975.

BUSARELLO, R. **Dicionário básico latino-português**. 6. ed. Florianópolis: EdUFSC, 2003.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Dialectologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. **DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 17, p. 25-44, 2001. Número especial.

\_\_\_\_\_. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, S.; FERREIRA, C.. **A dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra A.; AGUILERA, Vanderci de A. *et al.*. **Atlas linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, 2014. V. 1 – Introdução, 212 pp.: il.

CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra A.; AGUILERA, Vanderci de A. *et al.*. **Atlas linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, 2014. V. 2 - Cartas linguísticas 1, 368 pp.: il.

COUTINHO, I. de L. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

FERREIRA, Carlota; FREITAS, Judith; MOTA, Jacyra; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; ROSSI, Nelson. **Atlas Linguístico de Sergipe (ALS)**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Versão online. Disponível em <http://dicionario.cijun.sp.gov.br/houaiss/cgi-bin/houaissnetb.dll/frame>. Acessado em: 27 de dezembro de 2014.

MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste**. 4. ed. Maceió: EDUFAL, 2008 [1934].

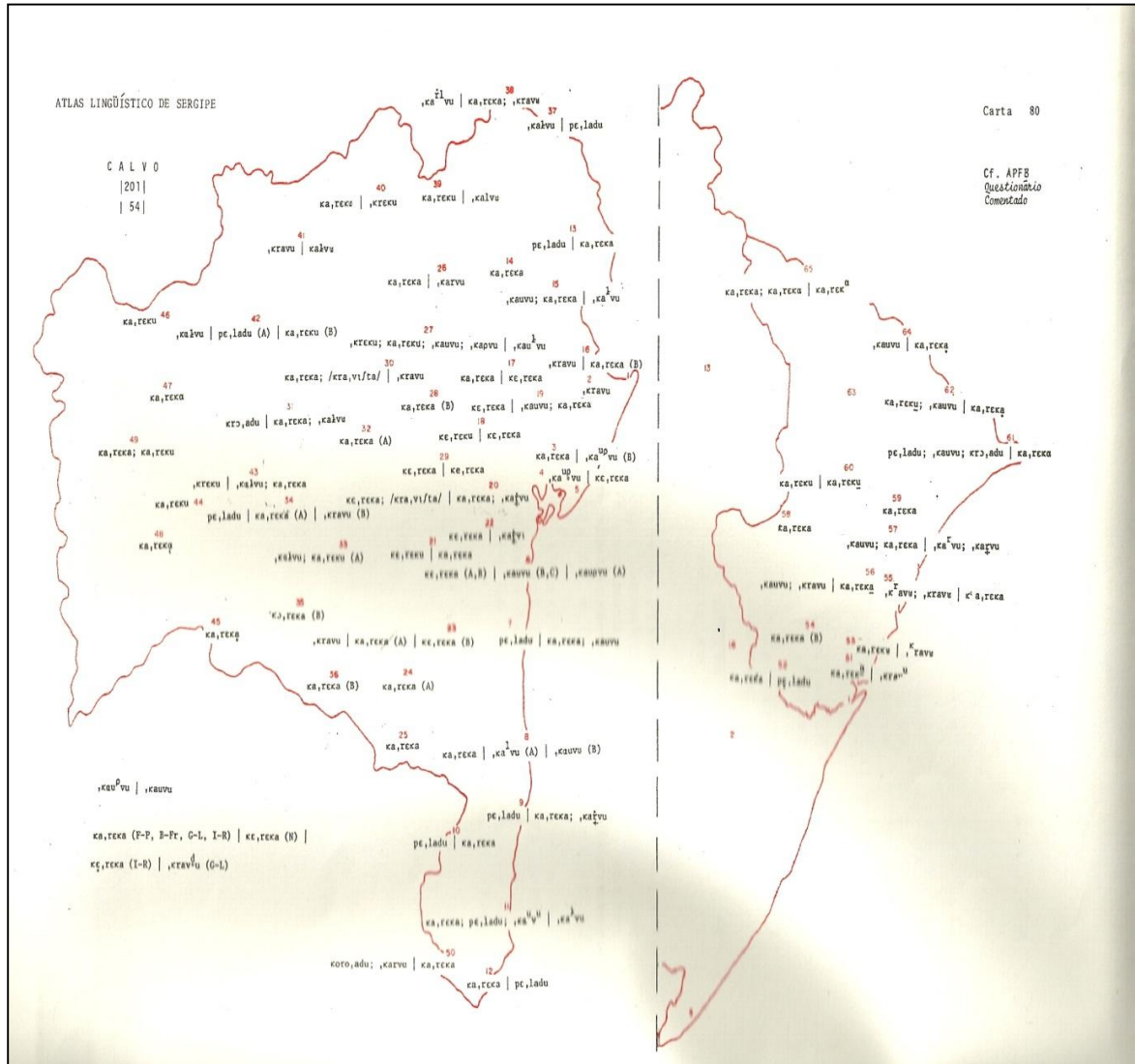
NASCENTES, A.. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

ROSSI, Nelson. **Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.

SILVA, A. de M.. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa: Na Officina de Simao Thaddeo Ferreira. Anno M. DCC. LXXXIX. 2 v.

ANEXO

Anexo 1: Fac símile da Carta 80 do ALS



Fonte: ALS (1987, Carta 80)